

CRESCIMENTO

Recessão ameaça economia em 2023

Números do crescimento no terceiro trimestre deste ano foram surpresa positiva em Portugal e na Europa. Mas as **perspetivas dos economistas para os próximos meses mantêm-se sombrias**

SÓNIA M. LOURENÇO

"Resiliência assinalável", "posição mais forte", "situação mais robusta para enfrentar as consequências da crise energética", "boas surpresas face ao esperado". Foram expressões como estas que o Expresso ouviu vários economistas a propósito dos dados publicados esta semana pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e pelo Eurostat sobre a evolução da economia portuguesa e da União Europeia (UE) no terceiro trimestre. Ainda assim, aponta para moderação da atividade nos próximos meses, com a possibilidade de uma recessão a ameaçar a Europa — e Portugal — em 2023.

O Produto Interno Bruto (PIB) avançou 2,1% em termos homólogos na zona euro e 2,4% na UE no terceiro trimestre, abaixo dos 4,3% — em ambos os casos — do segundo trimestre. Em Portugal, o crescimento também abrandou para 4,9%, mas foi mais do dobro da expansão da zona euro e da UE no mesmo período, sendo o valor mais alto entre os 10 países da UE para os quais já há dados disponíveis. Quanto à variação em cadeia, a zona euro e a UE também abrandaram, com um crescimento de 0,2%. Ainda

assim, evitaram uma contração num contexto marcado pelo prolongar da guerra na Ucrânia, a inflação em máximas desde a criação da moeda única e o endurecimento da política monetária do Banco Central Europeu, ditando forte subida dos juros. Alemanha, Portugal e Lituânia até aceleraram em cadeia.

Crescimento em 2022 pode ficar perto dos 7%

"Os dados do terceiro trimestre sinalizam resiliência da economia e significam que possivelmente a atividade irá crescer mais próximo dos 7% no conjunto de 2022", salienta Paula Carvalho, economista-chefe do BPL falando sobre Portugal. "A economia parte, por isso, de uma posição mais forte para os tempos difíceis que se avizinham", argumenta. Para António Ascensão Costa, professor do ISEG, os dados "sugerem que, apesar da assinalável quebra nos indicadores de confiança, o nível real do PIB ainda não será muito afetado no último trimestre e o ano deverá encerrar com um crescimento superior ao que inicialmente prevíamos". E aponta para um crescimento de 6,7% em 2022. São valores acima da projeção do Governo, de 6,5%.

Os dados relativos à zona euro e à UE "também foram melhores do que o antecipado", diz António Ascensão Costa. E sinalizam que as economias "se encontram numa situação um pouco mais robusta para enfrentar as consequências da crise energética durante o inverno", vincia Paula Carvalho. "Pará já, as economias têm mostrado uma resiliência assinalável e têm conseguido manter-se dentro de crescimento positivo, mesmo em cadeia", afirma Pedro Brinca, professor da Nova SBE.

O que esperar para os próximos meses? Em relação a Portugal, Paula Carvalho considera que um cenário mais negativo, de queda significativa da atividade nos últimos três meses do ano, "não parece provável". Pedro Brinca reconhece que "é esperado um abrandamento da procura interna e externa". Contudo, acredita que, "a manter-se desemprego e falências em níveis baixos, não há que temer uma contração significativa da economia". Bruno Fernandes, economista do Santander, é conservador: "A nossa estimativa continua a ser uma estagnação num cenário central no quarto trimestre, mas os indicadores continuam a sinalizar uma elevada probabilidade de crescimento negativo."

Quanto à Europa, "as boas surpresas, face ao esperado, no terceiro trimestre não alteram as perspetivas sombrias", argumenta João Borges de Assunção, professor da Católica-Lisboa. Até porque "a confiança e o sentimento económico continuaram a cair em outubro, dando sinais de desaceleração e de eventual entrada em recessão", segundo António Ascensão Costa. Para Paula Carvalho, "a probabilidade de ver declínios na atividade nos próximos meses é significativa. A inflação tão e levada e persistente e as condições financeiras apertadas continuarão a diminuir a procura interna, enquanto o abrandamento esperado da economia global faz prever que a procura externa não constitua um apoio significativo ao crescimento". Bruno Fernandes fala numa "enorme incerteza, com

o cenário de recessão na zona euro a estar mais próximo de um cenário central".

Pedro Brinca lembra, contudo, que as maiores economias europeias "têm circunstâncias diferentes". Alemanha e Itália "têm um grau de exposição direta bastante elevado à crise energética e ao aumento dos preços do gás natural, Espanha e França não tanto". E, no caso dos germânicos, a situação orçamental "sugere que, mesmo entrando em recessão, a economia será sempre mais resiliente e dificilmente a recessão será muito pronunciada", argumenta.

Uma eventual recessão europeia será, naturalmente, ne-

gativa para Portugal. "Ao forte aumento das taxas de juro e persistência da inflação temos ainda que contar com uma procura externa mais debilitada", aponta Paula Carvalho. Muito irá depender da inflação e da capacidade de as economias europeias substituírem o tipo de origem da energia que importavam da Rússia. "Quanto mais tempo passa, maior é a capacidade de o fazer", vincia Pedro Brinca, considerando que "o grande teste da resiliência da economia europeia à questão energética será este inverno". Inverso que "também será o período-chave para ver se conseguimos baixar a inflação sem entrar em recessão".

Em Portugal, a possibilidade de uma recessão no próximo ano "existe", mas "o grosso das análises coloca a economia a crescer acima da UE, em terreno positivo", nota Pedro Brinca. Também Paula Carvalho vê "alguns riscos de recessão", ainda que preveja um crescimento de 0,5%. A projeção do Santan-

der fica entre 0% e 0,6%, mas "os riscos estão envidescados em haixa, pelo que não podemos excluir um maior abrandamento da atividade", avisa Bruno Fernandes. São números muito abaixo dos 1,3% inscritos pelo Governo no Orçamento do Estado para 2023. "Ainda nos parece cedo para falar em sinais claros e inequívocos de recessão no próximo ano, mesmo que as economias venham a contrair no quarto trimestre deste ano, o que nos parece provável na zona euro, e que os crescimentos esperados para 2023 sejam bastante fracos", remata João Borges de Assunção.

silvaarroz@expresso.pt

PORTUGAL LIDERA CRESCIMENTO NA UE NO 3º TRIMESTRE

Variação do PIB em termos homólogos, em percentagem, 2022



E FICA NA TERCEIRA POSIÇÃO NA VARIAÇÃO EM CADEIA NO 3º TRIM.

Variação do PIB em cadeia, em percentagem, 2022



Fonte: Eurostat

Oferta pública de subscrição

5,20%*

/ao ano

Invista num mundo mais verde

Subscreva Obrigações Verdes Greenvolt 2022-2027.

Junta-se a nós e contribua para um futuro mais sustentável.

Subscrição mínima de €2.500

A presente oferta aplica-se às obrigações em dívida emitidas por Greenvolt em Portugal. A subscrição de obrigações pelo ONVM está sujeita ao preenchimento de um nível mínimo de subscrição de 2.500 euros. O patamar de subscrição mínima de 2.500 euros aplica-se a cada uma das obrigações emitidas. O prazo de validade da presente oferta é de 30 dias a contar da data de publicação da presente oferta. Para mais informações, consulte o site www.greenvolt.pt ou contacte o serviço ao cliente da Greenvolt.

*Taxa Anual Nominal Bruta (antes de impostos) da Greenvolt em regime fiscal privilegiado de acordo com a legislação fiscal em vigor. A presente oferta não constitui uma recomendação de investimento e não é uma oferta de venda de valores mobiliários. A subscrição de obrigações em dívida emitidas por Greenvolt em Portugal é sujeita ao preenchimento de um nível mínimo de subscrição de 2.500 euros. O patamar de subscrição mínima de 2.500 euros aplica-se a cada uma das obrigações emitidas. O prazo de validade da presente oferta é de 30 dias a contar da data de publicação da presente oferta. Para mais informações, consulte o site www.greenvolt.pt ou contacte o serviço ao cliente da Greenvolt.